

Fortes Herodianos: reflexos de práticas políticas na Paisagem

Herodian Fortresses: consequences of political practices in the landscape

Gabriela R. Marques de Oliveira*

OLIVEIRA, G. R. M. Fortes Herodianos: reflexos de práticas políticas na Paisagem. *R. Museu Arq. Etn.*, 33: 139-150, 2019.

Resumo: Este artigo busca discutir temas referentes aos usos políticos da paisagem arquitetônica, por meio da análise das possíveis intencionalidades por trás dos fortes Herodianos. Como tais fortes haviam pertencido anteriormente aos Hasmoneus e foram, em sua maioria, reconstruídos por Herodes Magno, tentamos investigar se houve obliteração intencional do poderio Hasmoneu por Herodes por meio da monumentalidade, ou se alguma outra motivação levou ao reuso e modificação desses locais. Para tanto, dialogaremos com fontes documentais primárias e fontes arqueológicas.

Palavras-chave: Fortes Herodianos; Fortes Hasmoneus; Paisagem política; Monumentalidade; Obliteração.

Introdução

Muito já foi dito a respeito do programa construtivo de Herodes Magno (ou Herodes, o Grande), principalmente a respeito das construções em estilo greco-romano¹ ou com o objetivo de demonstrar

submissão perante o imperador e o Império Romano. Entretanto, durante a primeira fase de seu reinado, estabelecido no contexto de instabilidade do final do período Hasmoneu² e início da dominação romana, grande ênfase foi dada à obliteração dos remanescentes Hasmoneus, principalmente por meio da

*Mestranda, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo <gabriela.rmo@usp.br>

1 O uso do termo “greco-romano” tem sido cada vez mais questionado na literatura, levando-se em conta a realidade plural dos povos que o termo busca abarcar. A Arqueologia, principalmente a partir do século XXI, tem buscado tratar das interações culturais de tais povos como sendo multiformes e heterogêneas. Dessa forma, a ideia de que havia uma cultura grega ou romana que fosse “pura” ou fixa tem sido cada vez mais desacreditada, uma vez que diversos povos e etnias compunham os territórios dominados pelos gregos e, posteriormente, pelos romanos, no decorrer dos séculos. Assim, diversos autores contemporâneos têm buscado interpretar essas relações sob óticas mais flexíveis e diversificadas. Como exemplo, podemos citar o conceito de “creolização” defendido por Jane Webster (2001), no qual não haveria a substituição de uma cultura por outra, mas uma mistura de culturas, dentro de um contexto social heterogêneo. Há também a ideia de “mimesis”, apresentada por Alicia Jiménez (2010), que abarca as relações de Roma e

suas províncias. Temos também o termo “emaranhamento”, utilizado por Philipp Stockhammer (2012) para designar os resultados gerados por encontros interculturais. Esses são apenas alguns dos muitos autores que tentam tratar as questões do mundo “greco-romano” dentro de sua real diversidade espacial, temporal e cultural, para além do que esse termo deixa entrever. Entretanto, escolhemos manter seu uso, pois trata-se de um termo já consolidado, apesar de tudo.

2 Na língua portuguesa, o termo que prevalece é “Asmoneu”, sem o “h”, por conta da herança do latim. Entretanto, manteremos a grafia derivada da língua inglesa (Hasmonean) que, por sua vez, se fundamenta no termo hebraico “*Hashmonaim*”, que mais se aproxima da possível origem do nome – o que justifica nossa escolha pela grafia com o “h”. A respeito da origem do termo, existem diferentes interpretações. Uma delas se baseia no nome de Asmon (Hashmon, em hebraico), ancestral de Matatias Macabeu. Outra defende que o nome pode ter se baseado na Vila de Hesbon (Heshbon), encontrada em Josué 15:27.

reconstrução de diversos de seus edifícios. Muitos desses edifícios correspondiam a palácios fortificados e fortes no geral.

Este artigo busca compreender os prováveis motivos que levaram Herodes a reconstruir esses fortes. Tencionamos aqui investigar as possíveis intencionalidades políticas e sociais relacionadas a essas reconstruções. Para tanto, teremos como base a perspectiva da Arqueologia da Paisagem, levando em conta que paisagens também podem ser espaços territoriais que são controlados e contestados de acordo com as práticas sociais e políticas (David & Thomas 2008). Além disso,

Por ser produto direto da atividade humana e, mais especificamente, de um determinado agrupamento social, o jogo entre ambiente construído e as pessoas que o produziram revela quais pressupostos entraram em ação ao longo da produção de um determinado ambiente. Uma vez estruturado, o ambiente construído induz, portanto, comportamentos (Kormikiari 2014: 13-14).

Sendo assim, por meio do estudo de caso de alguns fortes reconstruídos no início do reinado de Herodes – especificamente os fortes de Alexândrio, Dagon, Hircânia, Cipro, Maquero, Massada e Antônia –, observamos as nuances do jogo político Herodiano e como seus desdobramentos refletiam em seu programa construtivo, ao mesmo tempo em que também eram influenciados por ele. Para a montagem desse escopo, também utilizamos documentação primária, constituída pelas obras de Flávio Josefo (2004)³ – Guerra dos Judeus

3 Historiador judaico-romano que viveu no primeiro século EC. Apesar disso, suas obras constituem umas das principais fontes escritas sobre os acontecimentos da história judaica desde os primórdios do povo judeu. Entretanto, devem ser utilizadas com ressalvas, uma vez que muitos autores da Antiguidade – como Mâneto, Heródoto e o próprio Josefo – inventavam narrativas para preencher lacunas históricas e valorizar o governo que defendiam, além de que não faziam história na intenção de investigar a veracidade dessas narrativas. Tais obras de narrativas históricas têm tido sua veracidade questionada desde o século XVIII. A documentação arqueológica tem, cada vez mais, dialogado com os textos produzidos por Josefo, ora corroborando ora confrontando suas informações.

contra os Romanos e Antiguidades Judaicas –, em diálogo com as descobertas arqueológicas recentes nos sítios dos fortes mencionados.

Do período Hasmoneu a Herodes

Durante o período Helenístico, a região da Judeia se viu dominada pelos ptolomaidas⁴ e, subsequentemente, pelos Selêucidas. Apesar disso, aos judeus ainda era permitido viver sob as leis da Torá. Entretanto, já no fim de seu domínio, que se enfraquecia cada vez mais, os Selêucidas aumentaram as medidas helenizantes com o objetivo de consolidar seu poder na região (Porto 2007). Porém, antes mesmo de tais medidas serem tomadas, a sociedade judaica já se via dividida entre os chamados judeus pró-helênicos – constituídos principalmente pela aristocracia –, e aqueles que defendiam a tradicionalidade judaica. As crescentes imposições de Antíoco IV,⁵ então rei dos Selêucidas, para que os judeus adotassem as práticas e costumes gregos, e a própria divisão da sociedade judaica entre aqueles que queriam a total helenização e os que queriam se manter fiéis às práticas judaicas, culminou na revolta dos Macabeus, na segunda metade do século II AEC.

4 Denominação dos exércitos subordinados à Dinastia Ptolomaica, segundo Robinson Cavalcanti (1985).

5 Antíoco IV Epifânio (que significa “que se manifesta com esplendor”) (ca. 215 AEC – 162 AEC) foi um rei da dinastia Selêucida que governou a Síria entre 175 AEC e 164 AEC. Sucedeu seu irmão, Seleuco IV Filopátor, que governou entre 187 AEC e 175 AEC, e foi sucedido por seu filho Antíoco V Eupátor (que significa “nascido de bom pai”), cujo governo durou de 164 AEC a 162 AEC. O domínio Selêucida na região da Judeia teve início em 198 AEC com a conquista do local por Antíoco III Magno, pai de Epifânio, que objetivava expulsar os Ptolomeus da Ásia e expandir seus domínios. Seu projeto expansionista, no entanto, foi impedido por Roma, que derrotou os Selêucidas na batalha de Magnésia (189 AEC), dando início ao declínio da sua soberania. Foi nesse contexto de lutas internas e externas pelo poder, e fragmentação de seus domínios, além de crise econômica, que Antíoco IV Epifânio assumiu o poder Selêucida, após o assassinato de seu irmão Seleuco IV Filopátor – que tentou se apoderar do dinheiro do Templo de Jerusalém. O governo de Epifânio foi marcado por medidas helenizantes a fim de consolidar seu poder, mas é mais conhecido pela série de proibições das práticas tradicionais judaicas, como a circuncisão e posse de livros da lei judaica, sob pena de morte (Porto 2007).

Os Macabeus atacavam não apenas os Selêucidas, mas também os judeus helenizados, que eram considerados “sem lei” por terem abandonado as práticas da Torá em prol das práticas gregas. Se tratava então de uma revolta que era também uma guerra civil, de judeus conservadores contra judeus helenizados (Magness 2012). Apesar disso, a questão religiosa não foi a única deflagradora desse conflito, já que a maior parte dos judeus helenizados pertencia a uma aristocracia que enriqueceu com arrendamentos que iam contra as normas judaicas tradicionais (Porto 2007). Para prosseguir com a revolta, os Macabeus contaram com o auxílio dos romanos, que tinham interesse no fim do reinado Selêucida, a fim de obter domínio sobre a região.

Eventualmente, os Macabeus assumiram o poder, dando início à dinastia Hasmoneia. Os Hasmoneus então iniciaram uma campanha de expansão e aumento de seu domínio, levada a cabo principalmente por João Hircano I,⁶ que incluía também a judaização forçada dos povos que eram dominados.⁷ Magness sugere que a judaização Hasmoneia seja análoga à helenização, já que os Hasmoneus usavam o

judaísmo como forma de unificar os diferentes povos sob seu jugo (Magness 2012). Entretanto, apesar dos autores comumente pontuarem a bipolarização entre a helenização e judaização desses povos, a cultura material por vezes nos mostra mais permanências do que rupturas nesses processos, denotando maior fluidez do que as fontes escritas sugerem.⁸

Com os conflitos pelo poder, que geraram uma verdadeira guerra civil, protagonizados por Hircano II e Aristóbulo II, filhos de Salomé Alexandra,⁹ o domínio Hasmoneu enfraqueceu. Situação que possibilitou a invasão do Reino

8 Como exemplo, podemos citar as relações de adaptação, assimilação e resistência entre gregos e judeus no período Macabeu, na cidade de Yavneh-Yam. Conforme explicitado pelo Prof. Moshe Fischer – na disciplina “Intercultural Communication in the Eastern Mediterranean and the Land of Israel in Greco-Roman times”, ministrada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) em maio de 2019 –, muitas construções e cerâmicas Hasmoneias imitavam o estilo grego, além do uso da língua grega também ser comum em construções e moedas Hasmoneias. Também podemos mencionar o caso da “Tumba de Jason”, um túmulo monumental do período Hasmoneu, que foi descoberto na década de 1950, em Jerusalém. Acredita-se que a tumba pertencia a uma família sacerdotal Hasmoneia, por conta de seu tamanho ostensivo e pela presença de menorás no local. Mas o mais notável nesse caso é a forte influência do estilo arquitetônico grego em sua construção – com colunas dóricas e nichos –, assim como inscrições em língua grega, além do aramaico (Magness 2012).

6 João Hircano I (ca. 175 AEC-104 AEC) foi um sumo sacerdote e membro da dinastia dos Hasmoneus, que governou a Judeia entre cerca de 135 AEC e 104 AEC. O nome Hircano, de origem grega, provavelmente remete à sua conquista da região da Hircânia, no Mar Negro (Atkinson 2016). Era filho de Simão Macabeu, primeiro príncipe dos Hebreus na dinastia dos Hasmoneus, e subiu ao trono depois que seu pai e irmãos mais velhos foram assassinados. Seu reinado foi caracterizado por uma grande expansão e conquistas da Idumeia, Samaria e territórios na Transjordânia. Foi ele também quem consolidou a política de judaização forçada dos territórios conquistados (Magness 2012). Após sua morte, foi sucedido por seu filho Aristóbulo I.

7 O processo de expansão e judaização dos territórios Hasmoneus já havia tido início com Simão Macabeu, mas foi nas mãos de seu filho João Hircano que o Reino Hasmoneu realmente se expandiu. Porém, na medida em que conquistava novos territórios, João Hircano forçosamente convertia suas populações ao judaísmo e buscava aniquilar qualquer influência grega, tendo até mesmo destruído importantes cidades helenísticas (Porto 2007). Dentre os territórios dominados por João Hircano durante o século II AEC estava a Idumeia, da qual Antipas, avô de Herodes Magno, era governador. Os Idumeus, assim como outros povos subjulgados, foram obrigados a realizar a circuncisão (Magness 2012).

9 Salomé/Salina Alexandra ou Alexandra de Jerusalém (139 AEC-67 AEC) foi a única rainha judia que reinou durante o Período da Dinastia Hasmoneia, primeiro como esposa de Aristóbulo I e depois de Alexandre Janeu, irmão de Aristóbulo. Apesar de não existirem evidências, há a hipótese de que o nome “Alexandra” derive de Alexandre Janeu (Atkinson 2016). Após a morte de seu primeiro marido, Aristóbulo I, em 103 AEC, Salomé Alexandra libertou e se casou com Alexandre Janeu, que havia sido preso por Aristóbulo I, juntamente com seus outros irmãos, de modo a não haver pretendentes ao trono. Alexandre Janeu se mostrou um governante cruel e implacável, principalmente com os Fariseus, e após sua morte em 76 AEC, Salomé Alexandra assumiu o trono, no qual permaneceu até 67 AEC (Magness 2012). Durante seu reinado, Salomé procurou estabelecer uma melhor relação com os Fariseus, que haviam sofrido nas mãos de seu último marido. Ela também designou seu filho Hircano II para o cargo de alto sacerdote – já que uma mulher não poderia sê-lo. Seu reinado é tido como um período de prosperidade para a Judeia e, após sua morte, seus filhos Hircano II e Aristóbulo II iniciaram uma verdadeira guerra civil pelo domínio do Reino Hasmoneu.

Hasmoneu pelo general romano Pompeu, em 63 AEC, e sua consequente anexação aos territórios romanos.

Os romanos desmembraram o Reino Hasmoneu, cedendo parte da administração para Hircano II, que seria auxiliado por Antípater, um influente idumeu. Após o assassinato de Antípater, os romanos relegaram seus filhos Fasaél e Herodes ao cargo de etnarcas¹⁰ (Magness 2012). Entretanto, a situação não estava fácil para Herodes, que enfrentava represálias da aristocracia judaica, ao mesmo tempo em que Antígono, filho de Aristóbulo II, era designado como sumo sacerdote e Rei da Judeia pelas partas,¹¹ que haviam tomado a Síria (Porto 2007). Antônio e o Senado então nomearam Herodes como antirrei, em oposição ao rei Antígono, conforme Josefo nos mostra na obra *Antiguidades Judaicas* (Josefo 2004: 351). De acordo com Porto (2007: 53), “não se confrontavam apenas dois pretendentes rivais, mas dois posicionamentos políticos”.

Com a derrota de Antígono em 37 AEC, Herodes tomou Jerusalém e se tornou senhor do que ficou conhecido como Reino Herodiano na Judeia. Ele também se casou com Mariana I,

10 Do grego *ethnárkhes*, deriva de palavras referentes à “nação” e “líder” (“ἔθνος” e “ἄρχων”). Na Roma Antiga era um título e cargo concedido a governantes de províncias vassalas orientais e relativamente autônomas. Nesse contexto, o etnarca era o líder de uma etnia e de seu território, porém, não detinha o poder de um monarca. O termo ainda foi utilizado durante o Império Bizantino e o Império Otomano, mas com conotações distintas.

11 O Império Parta foi uma das principais potências político-culturais da Pérsia Antiga, possuindo influências iranianas, derivadas do Império Aquemênida, assim como helenísticas e selêucidas. Teve início em 247 AEC e durou cerca de cinco séculos. Também é conhecido como Império Arsácida, por conta de Arsaces I, primeiro rei da Pártia e fundador da Dinastia Arsácida. Durante o século I AEC, o Império Parta passou a se envolver em hostilidades com Roma, devido a conflitos de interesses. Nesse contexto, a Síria se tornou um campo de embates, no qual os Partas retaliavam as ações romanas. Em 40 AEC, o rei parta Pácoro I e Quinto Labieno, desertor romano e apoiador dos partas, invadiram a Síria, estabelecendo Antígono II como Rei da Judeia. Seu domínio na região, entretanto, não durou muito, já que em 38 AEC Pácoro I se retirou da Síria por conta de derrotas militares e, em 37 AEC, o general romano Marco Antônio derrotou Antígono II e designou Herodes Magno como Rei da Judeia (Brosius 2006).

netta de Aristóbulo II e Hircano II, entrando assim para a família Hasmoneia¹² (Porto 2007).

Herodes conseguiu equilibrar-se no delicado jogo do poder porque sabia ser servil a Roma. Primeiro apoiou Antônio, mas quando este foi vencido por Otaviano na famosa batalha naval de Áccio, no ano de 31 a.C.,¹³ Herodes foi imediatamente visitar o vencedor, que estava na ilha de Rodes, e, em um gesto teatral, depôs a coroa a seus pés. Com isso foi reconfirmado rei por Otaviano e ainda conseguiu favores: como o engrandecimento de território, a exoneração de tributo a Roma, a isenção de tropas de ocupação, e a autonomia interior para as finanças, a justiça e o exército (Porto 2007: 54).

Além da servitude a Roma, que o caracterizava como um rei cliente, Herodes também tinha que lidar com o nacionalismo e consequente insatisfação dos judeus, considerando o fato de que seu poder não era legitimado por eles, já que era visto como um estrangeiro e não como um judeu legítimo.¹⁴

12 Além de ser motivado pela tentativa de ter o poder de Herodes legitimado perante os judeus, o casamento arranjado entre famílias influentes era importante para a perpetuação de alianças políticas. O costume do casamento arranjado como um plano de poder também pode ser observado no caso de Salomé Alexandra que, após a morte de seu marido Aristóbulo I, casou-se com seu cunhado, Alexandre Janeu. O curioso nesse caso é que Salomé Alexandra não sofreu reprimendas por desposar ambos os filhos de João Hircano I (entre os séculos II e I AEC), mas, Herodes Arquelauo, filho de Herodes Magno, sofreu grande reprovação popular ao se casar com Gláfira, esposa de seu falecido irmão, Alexandre, sendo até um dos motivos pelos quais ele foi deposto, em 6 EC. Tal discrepância provavelmente se deve ao fato de que, na época de Salomé Alexandra, não havia tanta reprovação com esse tipo de união, ao passo que, entre 25 AEC e 20 EC, tal tópico se tornou uma grande preocupação, ao menos entre os judeus.

13 Apesar da utilização do termo “a.C.” (antes de Cristo) por Porto (2007), atualmente evitam-se referências religiosas em produções acadêmicas, sendo utilizados termos como “AEC” (Antes da Era Comum).

14 Herodes era filho de Antípater, da Idumeia, e Cipro, da Nabateia. Sua família havia servido aos governantes da Judeia por gerações, sendo que seu avô, Antípatas, e seu pai haviam sido governadores da Idumeia. Sua mãe era filha do rei Aretas III, e seu casamento com o pai de Herodes fortaleceu a aliança entre Idumeia e Nabateia, que foi a base

Desse modo, uma das principais formas pela qual Herodes agradava os romanos e apaziguava os judeus, se mantendo no poder, era seu extenso programa construtivo. Sua trajetória política pode até mesmo ser mapeada por meio de suas construções (Richardson & Fisher 2018). De acordo com Richardson e Fisher (2018), essas construções podem ser divididas em três grupos: as que foram construídas quando Herodes estava estabelecendo seu reinado, as que foram construídas quando ele estava criando seu legado, e as que não se encaixam em nenhum desses dois momentos, ou foram construídas fora do reino de Herodes.

As construções da primeira fase de Herodes, quando ele ainda estava estabelecendo seu poder, são, em grande parte, reconstruções de prédios Hasmoneus – em sua maioria fortes e palácios fortificados. No contexto de instabilidade que precedeu e que se seguiu à sua tomada do poder, a demonstração de poderio militar era essencial para controlar possíveis conflitos internos e externos. Essa demonstração se dava principalmente por meio da (re)construção desses fortes, que poderiam então ter uma utilidade dupla: a comodidade e facilidade de já serem prédios, pelo menos em parte, estabelecidos pelos Hasmoneus, com localizações geralmente privilegiadas; e o fato de também poderem ser usados por Herodes para demonstrar poder perante os judeus que não o reconheciam como governante. Nesse último caso, a reconstrução de um prédio anteriormente utilizado pelos Hasmoneus também está imbuída de significado, uma vez que demonstra, simbolicamente, a derrota deles e a supremacia de Herodes.

Fortes Herodianos: evidências arqueológicas e literárias

Durante seu reinado, os Hasmoneus estabeleceram diversos fortes nos arredores de

do desenvolvimento do poder de Herodes posteriormente (Roller 1998). Seu reinado era contestado pelos judeus, já que Herodes era tido como idumeu, e a Idumeia só havia aderido ao judaísmo porque fora obrigada por João Hircano, quando ele conquistou o território no século II AEC.

seu Reino, em sua maioria construídos devido ao contato com os padrões arquitetônicos helenísticos – o que, além de paradoxal, considerando toda sua luta contra os judeus helenizados e os Selêucidas, denotava também um hibridismo cultural intrínseco na região.¹⁵ Muitos desses fortes foram reconstruídos por Herodes, majoritariamente na primeira fase de seu reinado. Nesse período, os projetos construtivos de Herodes eram mais focados em remodelar estruturas já existentes, o que incluía reabilitar os fortes Hasmoneus (Richardson & Fisher 2018).

Josefo nos revela, tanto em *Antiguidades Judaicas* (2004) quanto em *Guerra dos Judeus contra os Romanos* (2004), que muitas dessas construções estavam localizadas em locais estratégicos, possuindo papel importante tanto nos conflitos Hasmoneus quanto nos conflitos Herodianos. O forte de Alexândrio,¹⁶ construído entre as cidades de Jerusalém e Bete-Seã, por exemplo, é caracterizado por ser um dos fortes mais bem equipados, estando bem posicionado em um alto monte (Josefo 2004).

15 Entretanto, apesar da breve menção, o foco deste artigo não é a análise das relações culturais conforme refletidas nos estilos arquitetônicos do período. Mas é importante salientar que a visão da cultura helenística como destruidora da cultura dos judeus não perdurou por muito tempo, e já no período de governo de Herodes Magno havia um processo de convivência e adequação cultural. É possível que esse processo de adequação tenha se iniciado ainda durante o período Hasmoneu, provavelmente durante o reinado de João Hircano I. Isso porque, com sua política de judaização forçada das cidades conquistadas pelos Hasmoneus, os fariseus – grupo de judeus devotos ao Torá – se revoltaram contra os Macabeus, fazendo com que João Hircano I rompesse com eles e se aproximasse dos saduceus – grupo de judeus que eram opositores dos fariseus. “Essa troca de aliados refletiria numa paradoxal aproximação com o helenismo” (Porto 2007: 36). Além disso, João Hircano também começou a incorporar cada vez mais em seu exército mercenários não judeus, que eram pagos com dinheiro tributário judeu, o que aborreceu alguns aliados dos Hasmoneus, devido a questões relativas à “pureza” do povo judeu. Houve também uma reaproximação com a elite grega da região durante o reinado de Aristóbulo I, filho de João Hircano (Porto 2007).

16 O forte foi construído em uma colina árida e pontuda, que se eleva sobre o vale do Jordão a partir do oeste. Atualmente, é um sítio arqueológico que faz parte da Província de Jericó, na região da Cisjordânia, próximo da fronteira com a Jordânia, estando a cerca de 90 km de distância de Telavive e a 80 km de Jerusalém.

Já Roller nos informa que esse forte provavelmente foi construído pelo Rei da Judeia Alexandre Janeu,¹⁷ tendo sido utilizado pelos Hasmoneus principalmente durante o confronto com Pompeu – pouco se sabe a respeito de sua existência antes de tal acontecimento –, e tendo sido eventualmente destruído pelo Procônsul da Síria Aulo Gabínio,¹⁸ por volta de 58 AEC, para enfraquecer o território judeu e facilitar sua dominação, além de também evitar que os judeus usassem esse e outros fortes como bases contra os romanos (Atkinson 2016). Para além disso, é provável que o forte de Alexandria – assim como os de Hircânia e Maquero, abordados subsequentemente –, também tenha sido idealizado por Alexandre Janeu visando favorecer os Hasmoneus na luta contra os Fariseus, já que Janeu estava constantemente envolvido em conflitos com estes. Herodes o teria reconstruído posteriormente – sendo uma das primeiras construções de seu reinado –, por conta de sua localização privilegiada, e por ter se mostrado muito útil em conflitos passados. O forte também teve papel importante na carreira política de Herodes, sendo o local onde sua esposa Mariana foi encarcerada e onde seus filhos Alexandro e

17 Alexandre Janeu (125 AEC-76 AEC) foi Rei da Judeia de 103 AEC a 76 A.E.C, tendo herdado o trono de seu irmão, Aristóbulo I, além de ter se casado com sua viúva, Salomé Alexandra. É provável que Alexandre, nome tipicamente grego, tenha sido nomeado dessa forma por conta de Alexandre, o Grande – entre os judeus tornou-se comum nomear os filhos em homenagem ao rei macedônio (Atkinson 2016). Alexandre Janeu é referido como um governante cruel e opressivo, por conta de seu programa expansionista, que gerou diversos conflitos. Após sua morte, por uma doença desconhecida, sua esposa Salomé Alexandra assumiu o trono.

18 Procônsul da província da Síria, nomeado por Pompeu, em 57 AEC. Antes disso, porém, havia sido tribuno da plebe, cargo no qual elaborou a Lex Gabinia, em 67 AEC, que concedeu a Pompeu maiores poderes em relação às províncias romanas em um território de até 50 mi no Mediterrâneo, com o objetivo inicial de combater piratas que assolavam sua costa. Gabínio foi também legado de Pompeu, e em 61 AEC foi nomeado pretor. Em 58 AEC foi nomeado cônsul, e no ano seguinte chegou ao pró-consulado, cargo em que permaneceu até 55 AEC. Como procônsul da Síria, Gabínio restaurou o poder de Hircano II em Jerusalém e dividiu a região da Judeia em cinco distritos, sendo cada um governado por um conselho supremo. Foi nesse período, também, que Gabínio destruiu diversos dos antigos fortes Hasmoneus.

Aristóbulo foram enterrados após sua execução, sob ordens do próprio Herodes – uma ironia do destino, já que eram descendentes do construtor original do forte, Alexandre Janeu (Roller 1998).

Poucos vestígios visíveis restaram desse forte, e escavações realizadas na década de 1980 revelaram um peristilo¹⁹ atribuído a Herodes, uma praça contendo colunas de estilo Coríntio e com piso de mosaico, e um sistema hidráulico, com aqueduto e cisternas (Roller 1998).

Outro forte Hasmoneu provavelmente utilizado também por Herodes é o forte de Dagon, ou Doq.²⁰ Localizado próximo de Jericó, é referenciado por Josefo apenas no contexto dos eventos do século II AEC (Josephus 1956, 1957).²¹ Entretanto, apesar da falta de menção na literatura, sua proximidade a Cipro, sua origem Hasmoneia e sua localização estratégica perante Jericó levam a crer que era um local de extremo interesse para Herodes. Os vestígios arquitetônicos revelam uma típica constituição de forte do vale do Jordão, com uma cimeira artificialmente erguida, grandes muros e colunas Jônicas (Roller 1998).

Já o forte de Hircânia²² possuiu uma trajetória parecida com o de Alexandria, tendo sido aprimorado por Alexandre Janeu, na década de 50 AEC, e posteriormente demolido por Gabínio, sob as ordens de Pompeu. Novamente é Josefo

19 Pátio rodeado de colunas ou, ainda, galeria de colunas que rodeavam um edifício ou parte dele. No período romano, era geralmente encontrado em casas de cidadãos abastados e palácios, dando acesso às principais dependências desses locais.

20 Está localizado na porção noroeste de Jericó. Roller (1998) nos informa que o forte é identificado com as ruínas em Jebel Qarantal, porém, até onde sabemos, o local ainda não foi escavado.

21 Utilizamos a referência das versões traduzidas em língua inglesa da Harvard University Press, de *The Jewish War* (Josephus 1956) e *Jewish Antiquities* (Josephus 1957), já que a versão em língua portuguesa na qual nos baseamos anteriormente, *História dos Hebreus* (Josefo 2004), da CPAD, não possui essa menção ao forte de Dagon.

22 Está localizado em um ponto elevado no deserto da Judeia, a oeste de Qumran (cerca de 5 km) e próximo do Mar Morto. Também se encontra a cerca de 16 km de distância de Jerusalém, a leste. Até onde apuramos, o local ainda não foi propriamente escavado, e o conhecimento arqueológico que se tem deriva de pesquisas feitas na superfície.

quem nos informa de sua posição estratégica para os confrontos Hasmoneus, além de sua posterior conquista e reconstrução por Herodes (Josefo 2004). Herodes o utilizou, principalmente, como prisão e local de execução de dissidentes políticos, os quais eram, em grande parte, apoiadores dos Hasmoneus, de modo que aprisioná-los e matá-los em um local que levava o nome de dois importantes Hasmoneus – Hircânia tinha esse nome em homenagem ao pai e ao filho de Alexandre Janeu, ambos com o nome de Hircano – era particularmente irônico (Roller 1998).

Os remanescentes que ainda podem ser observados constituem-se de instalações hidráulicas do período Herodiano, além de um cemitério nas proximidades, onde foram encontradas cerâmicas desse período, confirmando o uso do forte como prisão e local de execução por Herodes (Roller 1998).

Em Jericó, Herodes erigiu o forte de Cipro²³ (Fig.1) – nomeado em homenagem à sua mãe. Roller menciona que muito provavelmente era uma ampliação de um forte Hasmoneu já existente e que detinha a função de defesa tanto contra ameaças internas quanto externas, protegendo não apenas a fronteira transjordaniã, mas também os palácios de Jericó²⁴ (Roller 1998). Para Josefo, era um forte notável tanto pela solidez quanto pela beleza (Josefo 2004).

Escavações realizadas na década de 1970 revelaram dois níveis de remanescentes no local do forte: o nível superior, com cerca de metade de sua extensão original preservada, contando também com uma pequena casa de banho ainda com vestígios de pinturas nas paredes; e o nível inferior a este, cujo complexo é maior, contando com sua

própria casa de banho, pinturas nas paredes e um apoditério²⁵ com piso de mosaico (Roller 1998).



Fig. 1. Reconstrução idealizada do Forte de Cipro, Israel.

Fonte: Jean-Claude Golvin (2018).

Outro forte que merece menção é o de Maquero (Fig. 2),²⁶ localizado nas bordas da Pereia e Nabateia, e igualmente fundado por Alexandre Janeu e destruído por Gabínio. Josefo provém descrição detalhada a respeito deste forte, por conta, principalmente, de seu papel na Primeira Revolta Judaica.²⁷ Ele destaca sua localização segura e posição inexpugnável

25 Era a entrada principal das termas romanas, constituída por um quarto comprido ou largo, dotado de compartimentos ou estantes, nos quais os cidadãos guardavam suas roupas e pertences, enquanto tomavam seu banho.

26 O forte se localiza no território da Jordânia, a 24 km da foz do rio Jordão e na costa leste do Mar Morto. É um sítio arqueológico que vem sendo escavado desde 1968, de modo que descobertas significativas já foram feitas no local.

27 Os filhos de Herodes Magno, devido à sua inabilidade de governar, foram pouco a pouco perdendo o domínio de seus territórios para os romanos. Já durante o reinado de Herodes Agripa I (41 E.C-44 EC), a Província Romana da Judeia se encontrava sob administração de procuradores romanos, sendo que a partir de 44 EC os romanos efetivamente tomaram a Judeia – a contragosto. Com isso, a ocupação romana se tornou mais intensa, assim como os crescentes impactos culturais e religiosos entre judeus e povos de crença não judaica (Anderson 1995). Além disso, a questão das taxas pagas ao Império e a incompetência de alguns procuradores, e mesmo imperadores, inflamou a revolta dos judeus, e, em 66 EC, eclodiu a Primeira Revolta Judaica, que resultou na destruição do Templo de Jerusalém em 70 EC (Porto 2007).

23 Está localizado a oeste de Jericó, na entrada do vale de Wadi Qelt, dentro do qual se encontrava o complexo palaciano de inverno de Herodes. Foi construído de modo que pudesse proteger o complexo e também a estrada que ia até Jerusalém.

24 Em Jericó, Herodes também reconstruiu um complexo palaciano Hasmoneu, que havia sido destruído com o terremoto de 31 AEC. O maior desses palácios era conhecido como Terceiro Palácio em Jericó, e se localizava na margem norte do leito de Wadi Qelt. As construções, tanto dos Hasmoneus quanto de Herodes, eram palácios de inverno, devido ao clima ameno e abundância de água da região (Magness 2012).

(Roller 1998). O forte, obviamente, despertou o interesse de Herodes, que o fortificou ainda mais nos primeiros anos de seu reinado. Escavações realizadas entre as décadas de 1970 e 1980 confirmaram as atuações Herodianas no local e revelaram uma estrutura mais

bem elaborada do que as das construções ao norte do Mar Morto, com a colina na qual se situa artificialmente ampliada em formato cônico. Foram encontradas também torres remanescentes do período Hasmoneu. Hoje o sítio é um local de visitação turística.



Fig. 2. Reconstrução idealizada do Forte de Maquero, Israel.

Fonte: Research Team of the Hungarian Academy of Arts (2013).

Por fim, outras importantes construções ajudam a formular o escopo aqui almejado: o forte de Massada²⁸ (Fig. 3) e o forte de Jerusalém.

28 Massada se encontra na costa sudoeste do Mar Morto, estando a cerca de 90 km de Jerusalém e a 150 km de Telavive. Por ser um dos mais famosos fortes do período Herodiano, foi alvo de extensa pesquisa arqueológica, desde a década de 1960, tendo sido nomeado como Patrimônio Mundial da Unesco em 2001. Atualmente, é um importante ponto turístico da região, estando aberto à visitação.

Massada era um dos mais reforçados fortes Hasmoneus e um dos poucos a não possuir um nome grego. Foi essencial para Herodes no início de seu governo, já que foi onde sua família e seguidores se refugiaram em meados de 40 AEC, quando ele estava em Roma, e onde acabaram sendo sitiados pelos Hasmoneus. Por conta disso, a fortificação de Massada foi uma das prioridades do programa construtivo de Herodes em seus primeiros anos de reinado (Roller 1998).



Fig. 3. Ruínas do Forte de Massada, Israel.

Fonte: Michaell Anglois (2008)²⁹.

Por sua vez, o forte de Jerusalém, denominado Antoniã³⁰ em homenagem a Marco Antônio,³¹ foi a primeira intervenção que Herodes fez na cidade. Era também uma reconstrução de um prédio Hasmoneu e tinha o objetivo de deixar evidente a presença de Herodes na cidade (Richardson & Fisher 2018).

²⁹ Disponível em: <<https://bit.ly/2DFyK7n>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

³⁰ Foi construído na extremidade oriental da muralha de Jerusalém, na época de Herodes. Hoje, o lugar onde estava localizado é perpassado pela estrada chamada Via Dolorosa – possui esse nome, pois, de acordo com a tradição cristã, foi o caminho pelo qual Cristo carregou a cruz quando de sua crucificação –, ao norte do Monte do Templo e nas proximidades do Bairro Judeu (Magness 2012).

³¹ Richardson e Fisher (2018) apontam que provavelmente o forte foi edificado antes da derrota de Antônio na batalha do Áccio.

Josefo descreve esse forte como sendo uma grande estrutura retangular, com uma torre em cada canto, construída sobre uma rocha de cinquenta côvados e inacessível de todos os lados (Josefo 2004).

Fortes Herodianos: reflexos de práticas políticas na paisagem

Nos fortes acima explanados, duas características principais se destacam: o fato da maioria se localizar em locais altos e montanhas, possuindo uma posição privilegiada com fácil defesa e bom campo de visão; e o fato de terem pertencido primeiramente aos Hasmoneus e posteriormente a Herodes.

Obviamente, a reutilização dessas construções por Herodes teve caráter prático, afinal já estavam estrategicamente posicionadas.

Mas, se levarmos em conta que a grande maioria de suas ações políticas refletia em seu projeto construtivo, podemos intentar que havia mais intencionalidade por trás da reconstrução desses fortes do que meramente conveniência.

Conforme previamente apontado, o poder de Herodes não era legitimado pelos judeus, que o viam como estrangeiro. Nesse contexto, a reconstrução de fortes que haviam pertencido anteriormente aos Hasmoneus pode refletir tanto a necessidade de Herodes de demonstrar poder e se impor perante os judeus – principalmente da Judeia –, o que também explica a função militar desses prédios, quanto de obliterar a anterior dominação e poderio Hasmoneus. A paisagem, nesse caso especificada pela arquitetura, seria então usada como uma forma de domínio, inclusive da memória.

Recentemente, a Arqueologia tem voltado sua atenção para os modos como as pessoas do passado viam, interpretavam, memorizavam, utilizavam, e obliteravam seus próprios passados. O que também se reflete na paisagem, já que é um ambiente físico e social que adquire significados através das experiências humanas (van Dyke 2008). É ainda van Dyke (2008: 278; tradução nossa) quem nos informa que:

Lugares, significados e memórias estão entrelaçados para criar um “senso de lugar” que depende de, e reconstrói, uma história do engajamento social com a paisagem e, portanto, de seu laço inextrincável com a lembrança e o tempo [...]. O lugar pode ser definido como a intersecção entre memória e paisagem.

Dessa forma, ao modificar e reconstruir – também no caso das construções por algum motivo já previamente destruídas – as estruturas Hasmoneias, Herodes intentou modificar a própria memória e percepção que a população da região da Judeia tinha dos Hasmoneus, evocadas através da monumentalidade.

Isso fica claro em alguns dos exemplos citados na seção anterior, principalmente os fortes de Alexândrio e Hircânia. Ambos foram locais importantes para os Hasmoneus, quando do estabelecimento de seu poder. Herodes, ao se ocupar dos fortes e reconstruí-los, utilizou-os,

principalmente, como prisões de apoiadores Hasmoneus – incluindo até mesmo membros de sua família. A supressão e submissão dos Hasmoneus em locais anteriormente de seu domínio, e que ainda levavam seus nomes, não é mera coincidência.

Segundo Hirata (2011), uma das áreas de pesquisa mais importantes da Arqueologia é a análise da materialidade como forma de expressão de poder – econômico, religioso, político. Podemos partir desses mesmos pressupostos ao analisar a paisagem.

No caso do mundo antigo, a abordagem tradicional, que via principalmente na arquitetura a originalidade e beleza da manifestação artística, cede lugar a análises do componente ideológico que marca essas construções. [...] É, portanto, necessário analisar as relações entre projetos construtivos, formas de poder e ideologia para que a explanação arqueológica tenha maior profundidade na análise das formações políticas do mundo antigo (Hirata 2011: 27).

Sendo assim, a paisagem arquitetônica também é um reflexo das relações de poder e da política. Nesse sentido, ao obliterar os Hasmoneus utilizando especificamente suas construções militares, Herodes também demonstrava sua autoridade e poderio aos judeus que ainda não viam legitimidade em seu reinado. Dessa forma, o comportamento desses judeus seria então modificado pela visibilidade, por sua percepção da paisagem. Nesse espectro, os fortes também serviriam para inspirar a obediência e subserviência dos judeus. A própria estrutura em si seria então um mecanismo de poder e agente do controle comportamental (Friedman 2008).

Essa intencionalidade fica clara na construção do forte de Antônia, em Jerusalém. Por se tratar de uma cidade majoritariamente judaica e onde Herodes teve maiores dificuldades em impor seu domínio, a construção de um forte em local estratégico – onde pudesse ser facilmente visto na paisagem –, era importante para que os judeus soubessem que estavam sob o jugo de Herodes – e também dos romanos, considerando o nome da construção.

Por outro lado, podemos também conjecturar que a intencionalidade de Herodes ao utilizar esses fortes era mais sutil do que parece. Poderia mesmo ser uma tentativa de aproximação dos judeus, por meio de uma associação com os Hasmoneus, o que então facilitaria sua governabilidade. Seja como for, o fato é que Herodes era um exímio político, fossem quais fossem seus motivos e intencionalidades por trás da reconstrução dos fortes Hasmoneus. Em seu jogo de poder ele soube, na medida do possível, equilibrar as tensões entre romanos e judeus, utilizando a paisagem arquitetônica a seu favor.

Considerações finais

A paisagem também pode ser utilizada como ferramenta política, uma vez que ela está imbuída de memória. E quem detém a memória, detém o poder. Mesmo Nietzsche (2006: 26) nos revela que

Os homens mais poderosos sempre inspiraram os arquitetos: o arquiteto esteve continuamente sob a sugestão do poder. No edifício, o arrojo, a vitória sobre a gravidade, a vontade de potência devem ser tomadas visíveis: a arquitetura é uma espécie de eloquência do poder pelas formas, ora convincente e até acariciante, ora dando somente ordens. O sentimento mais elevado de potência e de segurança encontra sua expressão naquilo que é de grande estilo.

Sendo a arquitetura uma espécie de eloquência do poder, não é de se admirar, portanto, que o reuso e reinterpretção de monumentos arquitetônicos outrora

importantes para o poderio de determinado povo ou governante seja um mecanismo muito utilizado por novos governantes que assumem o controle da mesma região.

No caso de Herodes, isso se deu por meio da reconstrução de diversos prédios utilizados pelos Hasmoneus. E, antes dele, os próprios Hasmoneus haviam tomado atitudes parecidas, ao destruir construções e mesmo cidades helenísticas, construindo seus próprios prédios nos locais, em uma clara atitude de dominação pela arquitetura.

É sabido que grande parte das atitudes políticas de Herodes se dava por meio de seu programa construtivo, fosse para obliterar os Hasmoneus e dominar os judeus, fosse para prestar homenagem e submissão a Roma. Entretanto, todo cuidado é pouco ao se tratar de uma memória social propositalmente modificada pela paisagem arquitetônica, exatamente por seu caráter mutável. E também levando em conta o caldeirão cultural que era a região do Mediterrâneo, ou especificamente a Judeia, nesse período. Ou seja, nenhuma definição absoluta ou generalização é passível de ser feita. Diferentes passados e diferentes povos coexistiam. Sendo assim, diferentes aspectos devem ser levados em conta ao se estabelecer se ocorreu de fato uma obliteração intencional e se esta obteve os resultados almejados.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a meu orientador, Prof. Dr. Vagner Carvalheiro Porto, por toda ajuda prestada, a Kátia e Zenaide por todo o suporte, e a Lauriston, por toda motivação.

OLIVEIRA, G. R. M. Herodian Fortresses: reflections of political practices in the Landscape. *R. Museu Arq. Etn.*, 33: 139-150, 2019.

Abstract: The present article intends to discuss issues related to the political uses of the architectural landscape, through the analysis of the possible intentions behind Herodian fortresses. Since such fortresses had previously belonged to the Hasmoneans and were mostly rebuilt by Herod the Great, we purpose to investigate whether there was intentional obliteration of Hasmonean mightiness by Herod through the use of monumentality, or if any other reason

led to their reuse and modification. Therefore, we will use primary documentary and archaeological sources.

Keywords: Herodian fortresses; Hasmonean fortresses; Political landscape; Monumentality; Obliteration.

Referências bibliográficas

- Anderson, J.D. 1995. The impact of Rome on the periphery: the case of Palestina: Roman period (63 a.C.-324 d.C.). In: Levy, T.E. (Ed.). *The archaeology of society in the Holy Land*. Facts on File, New York.
- Atkinson, K. 2016. *A history of the Hasmonean State: Josephus and beyond*. Bloomsbury T&T Clark, Edimburgo.
- Brosius, M. 2006. *The Persians: an introduction*. Routledge, New York.
- Cavalcanti, R. 1985. *Cristianismo e política: teoria bíblica e prática histórica*. Ultimato, Viçosa.
- David, B.; Thomas, J. 2008. Landscape archaeology: introduction. In: David, B.; Thomas, J. (Eds.). *Handbook of landscape archaeology*. Routledge, New York, 27-44.
- Friedman, H. 2008. Forced labour, mines, and space: exploring the control of mining communities. In: *Proceedings of the Eighteenth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference*, 2008, Amsterdam.
- Golvin, J.C. 2018. Israel – Jericho – Kypros – King Herod’s Palace and the fortress. Disponível em: <<https://bit.ly/2Z7WHwI>>. Acesso em: 25 out. 2019.
- Hirata, E.F.V. 2011. A paisagem construída no Mediterrâneo Antigo: entre a Arqueologia e a História. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 11: 25-30.
- Jiménez, A. 2010. Reproducing difference: mimesis and colonialism in Roman Hispania. In: Knapp; van D. *Material connections: mobility, materiality and Mediterranean identities*. Routledge, New York.
- Josefo, F. 2004. *História dos Hebreus: de Abraão à queda de Jerusalém*. CPAD, Rio de Janeiro.
- Josephus, F. 1956. *The Jewish War*. Harvard University Press, Cambridge.
- Josephus, F. 1957. *Jewish antiquities*. Harvard University Press, Cambridge.
- Kormikiari, M.C.N. 2014. *Arqueologia da paisagem*. Labeca; MAE, São Paulo.
- Magness, J. 2012. *The archaeology of the Holy Land: from the destruction of Solomon’s Temple to the Muslim conquest*. Cambridge University Press, New York.
- Nietzsche, F.W. 2006. *Crepúsculo dos ídolos*. Cia das Letras, São Paulo.
- Porto, V. 2007. *Imagens monetárias na Judéia/Palestina sob dominação romana*. MAE, São Paulo.
- Richardson, P.; Fisher, A.M. 2018. *Herod: king of the Jews and friend of the Romans*. Routledge, New York.
- Roller, W.D. 1998. *The building program of Herod the Great*. University of California Press, Berkeley.
- Stockhammer, P.W. 2012. *Conceptualizing cultural hybridization: a transdisciplinary approach*. Springer-Verlag Berlin Heidelberg, Heidelberg.
- Van Dyke, R.M. 2008. Memory, place, and the memorialization of landscape. In: David, B.; Thomas, J. (Eds.). *Handbook of landscape archaeology*. Routledge, New York, 277-285.
- Webster, J. 2001. Creolizing the Roman provinces. *American Journal of Archaeology* 105: 209-225.